

HISTÓRIAS DE SUCESSO



JUN-JUL 2022 ANO 1 Nº 002

AGRONEGÓCIO

REBANHO COM QUALIDADE SUPERIOR

Sebraetec FIV viabiliza acesso de
pequenos criadores à tecnologia de
melhoramento genético de animais



TRABALHO PELA VALORIZAÇÃO DO ARTESANATO DO JEQUITINHONHA

MEL DE AROEIRA DO NORTE DE MINAS CONQUISTA IDENTIDADE GEOGRÁFICA

**TÁ NA HORA DE AUMENTAR A
PRODUTIVIDADE DO SEU REBANHO.**

**E COM O SEBRAETEC,
TÁ NA MÃO!**



Uma consultoria de inovação especializada para você, que trabalha com **produção de leites, queijos e outros artigos do agronegócio.**

O programa Sebraetec oferece:

- Atendimento personalizado.
- Especialistas de mercado.
- Entrega de soluções sob medida para o seu negócio.
- Tecnologias e serviços diferenciados.

São mais de **70 produtos** disponíveis
para a sua empresa.

**VOCÊ ESCOLHE O QUE PRECISA E O
SEBRAE PAGA 70% DA CONTA.**

ACESSE O SITE E ENCONTRE O SEU PRODUTO

sebraetec.sebraemg.com.br

REALIZAÇÃO



INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NO CAMPO



O agronegócio mineiro é movido pelos pequenos negócios. Somadas as microempresas e empresas de pequeno porte (MPE) e os produtores da agricultura familiar, Minas Gerais tem cerca de 739 mil estabelecimentos rurais, o que corresponde a mais de 99% dos negócios do setor no estado.

Em 2020, segundo dados da RAIS, somente as 69.925 MPE geraram 99,3% dos empregos com carteira assinada e responderam por 62% dos salários pagos pelo agronegócio em Minas Gerais.

Apesar de todos os desafios enfrentados, causados pela pandemia e também pelas adversidades climáticas, econômicas e políticas internacionais, os pequenos produtores rurais têm avançado graças aos investimentos em inovação e sustentabilidade.

Nesta edição da revista Histórias de Sucesso, dedicada ao agronegócio, apresen-

tamos exemplos de pequenos pecuaristas que estão conseguindo resultados expressivos com o apoio do Sebraetec FIV.

O programa garante a melhoria genética dos rebanhos, principalmente do gado leiteiro, por meio da tecnologia de fertilização *in vitro*. No ano passado, 1.150 produtores tiveram acesso à tecnologia FIV, e entre 70% e 80% dos custos foram subsidiados pelo Sebrae Minas.

A Histórias de Sucesso também mostra os trabalhos de valorização e diferenciação dos cafés da Região Vulcânica em oito municípios do Sul de Minas Gerais. E destaca, ainda, a metodologia do Sebrae que está contribuindo para a recuperação de bacias hidrográficas e a sustentabilidade do agronegócio em várias regiões do estado.

Boa leitura!



Maria Teresa Leal

ROBERTO SIMÕES

Presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae Minas

HISTÓRIAS DE
SUCESSO

SUMÁRIO



6

Mel de aroeira do Norte de Minas celebra a conquista do registro de Indicação Geográfica (IG)

11

Veja o trabalho para a valorização dos cafés da Região Vulcânica e os resultados já obtidos



Pedro Vilela



29

Camila Valverde, representante do Pacto Global da ONU, explica sobre o termo ESG e sua importância

Ouçã também o podcast sobre o assunto.



24

O Programa Restaurar contribui para a recuperação de bacias hidrográficas. Saiba mais sobre a iniciativa na matéria e ouça também a entrevista da analista do Sebrae Minas Fabiana Vilela sobre o tema



JUN-JUL 2022 ANO 1 N° 002

EXPEDIENTE

Presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae Minas
Roberto Simões

Conselho Deliberativo do Sebrae Minas
Banco do Brasil, BDMG, CDL-BH, Caixa, Ciemg, Faemg, Fapemig, Fecomércio, Federaminas, Fiemg, Indi, Ocemg, Sebrae NA, Seplag e Sedectes

Superintendente: Afonso Maria Rocha
Diretor Técnico: João Cruz Reis Filho
Diretor de Operações: Marden Magalhães

Conselho Editorial:
Anderson Pimentel, Andreza Capelo, Bárbara de Paula Sarto, Beatriz Nascimento, Bruno Ramos, Bruno Ventura, Caroline Alvim, Célia Fonte, Danielle Fantini, Gustavo Moratori, Jefferson Ferreira, José Márcio Martins, Karine Martinez, Loidiana Perazzo, Paulo César Barroso Verissimo, Rachel Dornelas, Rafael Tunes, Rosely Maria Vaz

Gerente de Comunicação: Leonardo Iglesias
Jornalista responsável: Aline Freitas - MTB 09007/MG
Periodicidade: Bimestral

Redação:
Av. Barão Homem de Melo, 329, Nova Granada - Belo Horizonte
Minas Gerais - CEP: 30.431-285 - 0800 570 0800
sebrae.com.br/minasgerais





16

Mais de 310 mil fazendas mineiras dedicam-se à pecuária de leite ou de corte, e, em muitas delas, o crescimento natural do rebanho tem dado lugar à fertilização *in vitro* (FIV). O Sebrae Minas tem iniciativa que viabiliza o acesso dos pequenos produtores rurais à técnica.

Leia a matéria e também assista a videorreportagem na revista digital



34

Trabalho do Sebrae Minas apoia artesãos do Vale do Jequitinhonha

Vale a pena conferir também a videorreportagem, acessando o QR Code ao lado



Pedro Vilela

42

Conheça os trabalhos do Sebrae Minas para fortalecer as origens produtoras do estado



Pedro Vilela

40

Escolas do Triângulo Mineiro destacam-se na Olimpíada Empreendedora

44

Sebrae Minas lança nova versão do seu índice de desenvolvimento econômico local

45

Notas

ACESSE TAMBÉM
A REVISTA HISTÓRIAS
DE SUCESSO DIGITAL



revistahistoriasdesucesso.sebraemg.com.br

Prefácio Comunicação

Editoras: Ana Luiza Purri e Cristina Mota

Reportagens: Ana Cláudia Vieira, Cristina Mota, Fernanda Pereira e Lucas Alvarenga

Revisão: Alexandre Magalhães e Luciana Oliveira

Projeto gráfico: Tércio Lemos

Design e diagramação: Angelo Campos e Rebeca Zocratto

Podcasts

Produção: Cristina Mota

Roteiro e apresentação: Bruno Assis

Edição: Domenica Mendes

Videorreportagens

Produção e roteiro: Cristina Mota

Apresentação: Bruno Assis e Cristina Mota

Edição: Lucas Bois

HISTÓRIAS DE
SUCESSO

SEBRAE

DOCE CONQUISTA

Mel de aroeira do Norte de Minas recebe Indicação Geográfica na modalidade Denominação de Origem

ANA CLÁUDIA VIEIRA E FERNANDA PEREIRA

Pedro Vilela



Júlio César Pereira produz 800 quilos de mel de aroeira por ano

No Cerrado do Norte de Minas, floresce uma espécie de árvore que renova a esperança de prosperidade para os apicultores da região. Trata-se de um tipo de aroeira, vegetação típica de locais com clima árido e baixos índices de chuvas, da qual abelhas retiram insumos para a produção de mel. Rico em compostos com ação antioxidan-

te, anti-inflamatória e antimicrobiana, características que o diferem de outros tipos produzidos a partir de espécies vegetais, o mel de aroeira do Norte de Minas conquistou, em fevereiro de 2022, o registro de Indicação Geográfica (IG) na modalidade Denominação de Origem (DO), concedido pelo Instituto Nacional da Propriedade Indus-

trial (Inpi) – um marco para a valorização do produto e a conquista de novos mercados.

Por ser muito escuro, de cor âmbar forte, o mel de aroeira já foi considerado de pouco valor comercial. Porém, quando pesquisas apontaram as suas propriedades terapêuticas, os produtores passaram a se empenhar para agregar ainda mais valor a ele. E, desde 2017, o Sebrae Minas tem contribuído diretamente para esse esforço e a busca da concessão da DO, apoiando a Cooperativa dos Apicultores e Agricultores Familiares do Norte de Minas (Coopemapi).

O analista do Sebrae Minas Walmath Magalhães conta que o levantamento dos fatores naturais e dos processos que conduzem a produção do mel de aroeira levou quatro anos. “Paralelamente, a Coopemapi realizou um trabalho de sensibilização dos produtores, para que seguissem corretamente as etapas de obtenção do produto, incentivando a participação em eventos do setor”, informa.

O presidente da cooperativa, Luciano Fernandes de Souza, ressalta que o processo de caracterização e valorização do mel de aroeira foi intenso. “Os esforços incluíram uma pesquisa ampla para analisar o pólen, o néctar e o solo da região, a fim de identificar a qualidade dos compostos fenólicos e os **64 municípios onde o produto pode ser encontrado.**”

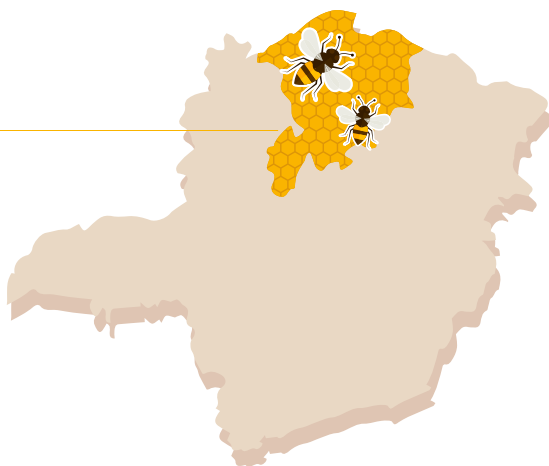
CONTROLE E QUALIDADE

Para Luciano, com a conquista da IG, o principal desafio é dar continuidade ao trabalho de conscientização para manter o modo de produção. “Só assim conseguiremos um produto com qualidades e características oriundas do meio geográfico”, adverte.

Entre as técnicas utilizadas para garantir a pureza e a qualidade do mel estão a identificação e a separação do produto de acordo com as floradas. Isso porque a região também produz outras variedades de mel silvestre, como o de pequi, o de café, o de velame e o de betônica, cada um em uma fase do ano. “Além de permitir a diferenciação entre eles, o cuidado com as técnicas de manejo previne a contaminação por possíveis fontes próximas do apiário, como criações de animais confinados, resíduos e efluentes domésticos”, explica Luciano. Ele acrescenta que tanto o mel de aroeira quanto os demais são livres de contaminações químicas e biológicas indesejáveis.

NEGÓCIO FAMILIAR

A apicultura é fonte de emprego e renda para cerca de 1,5 mil famílias no Norte de Minas, e há quase 5 mil pessoas envolvidas na atividade. O volume de mel de aroeira produzido é de 150 toneladas anuais, grande parte concentrada no município de Bocaiuva, que se posiciona em terceiro lugar no ranking dos maiores produtores do Estado.



Júlio César Pereira conta que sua história com o mel começou por acaso e, hoje, o apiário produz 800 quilos do produto da aroeira por ano. “Participei de um curso de apicultura na região, enquanto estava de férias da siderúrgica onde trabalhava, e me interessei muito pelo que vi. Depois, meu

cunhado me presenteou com uma colmeia, tomei gosto pela atividade e comecei a produzir aos poucos.”

A apicultura ainda é uma atividade secundária para Júlio, que tem como ocupação principal o trabalho como técnico agrícola, prestando consultoria para alguns apicultores da região. A renda obtida com a produção do mel já é, no entanto, vital para o orçamento familiar. “Hoje, minha família toda também trabalha com a produção do mel, e nossa expectativa é aumentar cada vez mais nossa dedicação, à medida que a demanda pelo produto aumentar”, afirma, dizendo-se muito confiante quanto aos resultados decorrentes da IG. “Ainda estamos trabalhando alguns pilares, mas tem sido uma experiência muito bacana manter contato com produtores de outras regiões para trocar conhecimentos e experiências”, diz Júlio.

Apesar de a conquista da IG ser recente, o apicultor já nota o maior reconhecimento do mel da região. Para ele, **o apoio dado pelo Sebrae Minas** tem sido decisivo para isso. “Vai muito além da obtenção do selo, há orientações para ações de marketing, formulação de embalagem e rótulos, formação de preço e outras”, relata.

MAIS MERCADOS

A Indicação Geográfica na modalidade Denominação de Origem é conferida a regiões que passaram a ser reconhecidas pela oferta de produtos ou serviços cujas características se devam exclusivamente ao meio geográfico, o que atribui a eles reputação, valor intrínseco e identidade própria, além de os distinguir em relação aos similares disponíveis no mercado. No caso do mel de



Produtores já notam o maior reconhecimento do mel de aroeira após a obtenção da IG

SAIBA MAIS

O SEBRAETEC DISPONIBILIZA DIVERSOS SERVIÇOS PARA OS PEQUENOS NEGÓCIOS. ACESSE O QR CODE E CONFIRA





ESTAMOS ESTUDANDO MEIOS PARA INCENTIVAR O CONSUMIDOR A CONHECER O MEL DE AROEIRA

LUCIANO FERNANDES DE SOUZA
PRESIDENTE DA COOPEMAPI



aroeira do Norte de Minas, o apicultor precisa submeter o produto a análises que comprovem seu vínculo com o território. Com os investimentos feitos em tecnologia e capacitação das equipes, a Coopemapi consegue realizar, em sua própria estrutura, as análises necessárias e o envasamento do mel produzido pelos cooperados.

Outro ponto que concentra os esforços da cooperativa atualmente é a estratégia de marketing. “Estamos estudando meios para incentivar o consumidor a conhecer o mel de aroeira”, afirma Luciano. E o Sebrae continua apoiando o trabalho. “Nossa missão é ajudar a consolidar o produto como um item orgânico, com princípios ativos que ajudam no tratamento de problemas relacionados à gastrite e na cicatrização, e cuja produção

gera mínimo impacto ambiental, colaborando também para a geração de emprego e renda para milhares de famílias do Norte de Minas”, acrescenta o analista do Sebrae Minas Walmath Magalhães.

DA AROEIRA À COLMEIA

O MEL DE AROEIRA É ASSIM CHAMADO PORQUE AS ABELHAS RETIRAM OS INSUMOS PARA SUA PRODUÇÃO DA PLANTA *MYRACRODRUON URUNDEUVA*. VEJA COMO OCORRE:

1



AS ÁRVORES ABRIGAM OS PULGÕES EM TODAS AS FASES DE SEU CICLO DE VIDA. ELES SUGAM A SEIVA E, APÓS A DIGESTÃO E MATURAÇÃO, EXCRETAM UMA SUBSTÂNCIA AÇUCARADA, CONHECIDA COMO “MELATO”.

2



AO SUGAR A SEIVA VEGETAL, OS PULGÕES TAMBÉM INDUZEM A AROEIRA A PRODUIR SUBSTÂNCIAS FENÓLICAS PARA SE PROTEGER, QUE SÃO EXCRETADAS PELA PLANTA EM DIVERSOS DE SEUS ÓRGÃOS, COMO OS NECTÁRIOS E AS FLORES.

3



AO POLINIZAR A PLANTA, AS ABELHAS COLETAM UM NÉCTAR MISTURADO ÀS SECREÇÕES FENÓLICAS, BEM COMO A SECREÇÃO EXCRETADA PELOS PULGÕES.

4



O RESULTADO É UM MEL COM ALTA CONCENTRAÇÃO DE COMPOSTOS FENÓLICOS E PRESENÇA DE MELATO, MENOS DOCE E QUE NÃO CRISTALIZA.

DIFERENCIADOS POR NATUREZA

Produtores de café da Região Vulcânica
colhem resultados da conquista de marca coletiva

—
ANA CLÁUDIA VIEIRA

Pedro Vieira



O fato de a região de Poços de Caldas ter abrigado a caldeira de um vulcão há 80 milhões de anos conferiu características únicas ao solo do local

Quando os primeiros agricultores e produtores de café se instalaram na região de Poços de Caldas, por volta de 1890, não imaginavam que o local abrigava a caldeira de um vulcão, há pelo menos 80 milhões de anos. Estudos indicam se tratar de um dos maiores complexos desse tipo no mundo, com características de

solo únicas. “Não existe, no Brasil, outra caldeira com afloramento de rochas. Só temos café nesse local, a mil metros do nível do mar, porque essa formação elevou a região”, observa Leandro Carlos Paiva, professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS).

Ao todo, a região de solo vulcânico abrange 12 municípios, oito no Sul de Minas Gerais e quatro no Nordeste de São Paulo. Mais de 130 anos após o início do cultivo, os produtores – muitos deles herdeiros de uma tradição familiar – estão em processo de obtenção da Indicação Geográfica (IG) para a chamada “Região Vulcânica”, que já constitui uma marca coletiva, registrada junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi) pela Associação de Produtores do Café da Região Vulcânica, em 2021. O objetivo é que os cafés da região sejam reconhecidos por suas características específicas. “Estamos em uma região elevada, com

boa incidência solar durante o dia e temperatura amena à noite. O modo de produção é familiar, sem uso de máquinas. São pontos que conferem um modo de fazer e sabores únicos aos cafés da Região Vulcânica”, explica o produtor e presidente da Associação Marco Antônio Lobo Sanches. Como resultado, os cafés têm sabores únicos.

“Ter uma marca coletiva e buscar uma IG compõem uma estratégia interessante para promover a região com base em seus diferenciais e, assim, ter uma abertura mais interessante para o mercado consumidor de cafés de origem”, explica Rogério Galuppo, analista do Sebrae Minas.

REGIÃO VULCÂNICA

7.063
PRODUTORES



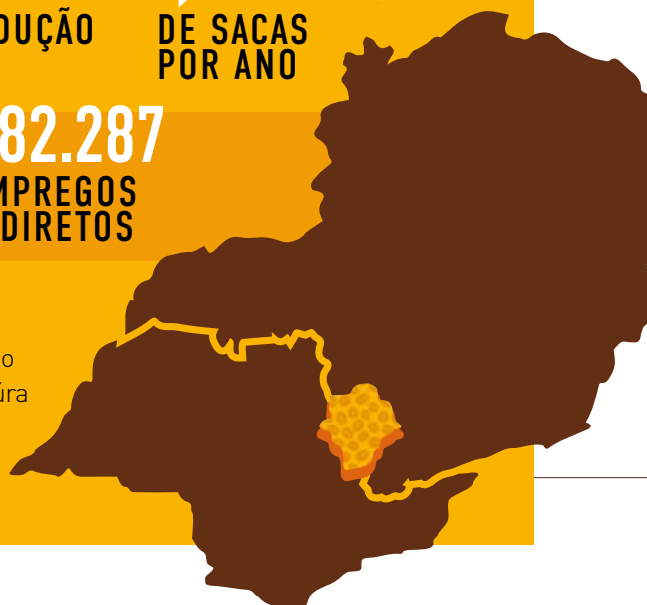
53.427 HA
DE ÁREA DE PRODUÇÃO

1,79 MILHÃO
DE SACAS
POR ANO

17.657
EMPREGOS
DIRETOS

882.287
EMPREGOS
INDIRETOS

Resultados obtidos pelos 12 municípios que compõem a área demarcada: Andradas, Bandeira do Sul, Botelhos, Cabo Verde, Caldas, Campestre, Ibitiúra de Minas e Poços de Caldas, no estado de Minas Gerais; Águas da Prata, Caconde, Divinolândia e São Sebastião da Gramma, no estado de São Paulo.





MARCA RECONHECIDA

A Associação de Produtores do Café da Região Vulcânica atua para ampliar o trabalho iniciado em 2011. “Uma palestra do IFSULDEMINAS sobre cafés especiais, citando a IG da Região do Cerrado Mineiro, chamou nossa atenção para o potencial que tínhamos aqui”, lembra Marco Sanches. Os produtores, então, buscaram o apoio de instituições diversas, como o Instituto Federal, a Emater e a Prefeitura de Poços de Caldas, para a obtenção do registro da marca coletiva Cafés da Região Vulcânica. O Sebrae Minas começou a atuar em 2016 na estruturação de estratégias de mercado, governança e qualidade.

Com a conquista da marca coletiva, em 2021, o grupo tem se empenhado em favor da obtenção da IG. “Nosso objetivo é ter mais associados e, assim, contar com um volume maior de café apto a usar a marca. Temos buscado também outros parceiros, além de produtores”, detalha o diretor executivo da Associação Ulisses de Oliveira. Outras frentes de trabalho são o fortalecimento da

Ulisses de Oliveira relata o engajamento dos produtores nas atividades da Região Vulcânica

marca por meio da participação em feiras e eventos de degustação; o reconhecimento e a abertura para o mercado internacional; e a qualificação para pleitear o registro de IG. Seis associações, duas cooperativas e cafeterias estão envolvidas no trabalho. O número de produtores participantes saltou de 120 para 460, o que deverá alavancar a produção de cafés de origem em 2022. “Há grande engajamento. Temos uma meta de crescimento exponencial, queremos chegar a mil produtores no final do ano”, diz Ulisses.

Rodadas de negócios já foram realizadas para estreitar o contato entre produtores e compradores. “A marca desperta o interesse e a curiosidade de consumidores e empresários. Já temos cafés comercializados especialmente por serem da Região Vulcânica”, comemora Ivan Figueiredo, analista do Sebrae Minas. Para ele, o reconhecimento obtido pela região tem intensificado a união dos produtores. “O projeto estimula a agri-

SAIBAMAI

CONFIRA QUAIS SÃO AS REGIÕES MINEIRAS COM INICIATIVAS DE FORTALECIMENTO DAS ORIGENS PRODUTORAS NA EDITORIA **É BOM SABER**, NA PÁGINA 42



cultura familiar e a permanência do homem no campo, preservando esse modo de fazer tão especial.”

Representante dessa tradição, Marco Antônio Sanches atesta o reconhecimento do mercado. “No Dia Internacional da Mulher, quando fizemos um evento com produtoras da região, a ideia atraiu naturalmente muitas mulheres de destaque. Essa participação não se consegue de graça. É o tempo mostrando o que está sendo feito. Não vai ser rápido, mas já está acontecendo”, comemora.

IG A CAMINHO

Em tese, os cafés da Região Vulcânica já atendem aos principais critérios exigidos pelo Caderno de Especificações Técnicas da região para que o território obtenha um registro de IG. Mas, antes de fazer a solicitação oficial e para



JÁ ESTÁ MAIS DO QUE PROVADO QUE OS CAFÉS SÃO DIFERENCIADOS, MAS PRECISAMOS EVIDENCIAR QUE O QUE PRODUZIMOS AQUI É DIFERENTE

MARCO ANTÔNIO SANCHES
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
DE PRODUTORES DO CAFÉ DA
REGIÃO VULCÂNICA



garantir o resultado esperado, a Associação está recebendo orientações de uma consultoria que tem possibilitado aperfeiçoar os processos necessários à conquista. “Serão realizadas oficinas, atualização dos estatutos e demonstração da notoriedade da Região Vulcânica. Já está mais do que provado que os cafés são diferenciados, mas precisamos evidenciar que o que produzimos aqui é exclusivo”, diz Marco.

Para isso, foi constituído um Conselho Regulador, composto por três representantes dos produtores, para garantir o controle da produção, a exemplo da rastreabilidade dos cafés, que permite aos usuários saber exatamente de onde vem aquele produto e em quais condições foi produzido. Como resultado do trabalho, esse processo está migrando de um sistema manual para um automático, por meio de um aplicativo e de um QR Code.

O sistema de controle garante também as características específicas dos cafés, já que, para usar o selo de café da Região Vulcânica, é necessário não apenas ser associado, mas atender aos critérios estabelecidos pelo Caderno de Especificações Técnicas. Além da conferência das informações fornecidas pelo produtor sobre a propriedade e a forma de produção, são realizados testes em cada lote. Para receber o selo, o produtor deve atingir pelo menos 80 pontos.

ALÉM DO CAFÉ

Para Marco Sanches, o trabalho tem potencial de alavancar o comércio de toda a região. “A ideia é estender a utilização do selo Região Vulcânica a todos os produtos regionais. Para isso, no entanto, os demais produtores precisam fazer o mesmo movimento que fizemos”, orienta Marco.

O IFSULMINAS, que participou ativamente

da construção da marca, está conduzindo um estudo mercadológico para identificar outras aptidões da região, além do café. O microclima existente nessa caldeira elevada beneficia outras culturas, como a de uvas para a produção de vinhos, em Andradas, e a de olivas, em São Sebastião da Gramma, por exemplo. A ideia é trabalhar essas subdivisões, incluindo também as águas, as frutas e o artesanato.

“O trabalho é grande e está só começando. Estamos levantando a influência dessas culturas, seu potencial de comercialização, como o selo pode beneficiá-las e também quais problemas vamos encontrar para colocar os produtos no mercado. Com as informações em mãos, poderemos avaliar a possibilidade de trabalhar a marca Região Vulcânica para as diferentes áreas produtivas”, conclui o presidente da Associação.

CARACTERÍSTICAS DOS CAFÉS DA REGIÃO VULCÂNICA

SABOR: frutas amarelas, caramelo e chocolate

AROMA: frutas amarelas e chocolate

CORPO: encorpado, com textura de sedosa a cremosa

ACIDEZ: cítrica, brilhante e intensa

FINALIZAÇÃO: de duração média e doce



Após o Sebraetec FIV, Francisco (na foto) e os irmãos comemoraram: uma única novilha chegou a render 22 litros de leite em um dia

Ó

RESUMO

Em 2019, o Sebrae Minas iniciou o Sebraetec FIV, aprimorando outras experiências já realizadas no Brasil. O resultado tem sido visto no campo, com aumento da produtividade e da lucratividade das propriedades.

OPORTUNIDADE PARA OS PEQUENOS CRIADORES

Sebraetec FIV oferece acesso subsidiado a processo de melhoramento genético do rebanho bovino

LUCAS ALVARENGA

peão pastoreia o rebanho como quem conduz um “trem de gado” em marcha lenta. Ele sabe: é preciso guiar as vacas para a ordenha. Ao longe, uma bruma branca – clara como o leite – toma conta do Cerrado, de onde se avista parte das Gerais. É nessa imensidão de terra que está a quarta maior população bovina do país, formada por 22,2 milhões de cabeças de gado, segundo a Pesquisa da Pecuária Municipal 2020, conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mais de 310 mil fazendas mineiras dedicam-se à pecuária de leite ou de corte, de acordo com o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), e, em muitas delas, o crescimento natural do rebanho tem dado lugar à fertilização *in vitro* (FIV).

O processo funciona assim: o veterinário aspira o ócito primário – o óvulo antes da fecundação – de uma vaca doadora. Depois, encaminha o material a um laboratório, para que a maturação dê origem ao óvulo. Em seguida, fecunda a célula e gera um embrião,

que é implantado em uma vaca comum. “O fruto dessa barriga de aluguel é uma ‘pedra preciosa’. É um animal de patamar genético que um pequeno produtor rural jamais conseguiu ter”, orgulha-se o diretor técnico do Sebrae Minas, João Cruz Reis Filho.

Esse sonho, materializado em forma de prenhez, tornou-se uma realidade para muitos produtores desde setembro de 2019, com o início do Sebraetec FIV. Embora já existisse em outros estados, o programa ganhou uma versão aprimorada ao ser encampado pelo Sebrae Minas. Segundo o diretor técnico, a instituição solicitou que o Sebrae Nacional estabelecesse requisitos de qualidade genética para que os doadores se situassem acima da média da raça. O pedido foi acatado, e o resultado tem sido visto no campo.

ASSISTA

UMA VÍDEOREPORTAGEM MOSTRA A INICIATIVA DO SEBRAETEC FIV NA REVISTA HISTÓRIAS DE SUCESSO DIGITAL. ACESSE O QR CODE E CONFIRA



Engenheiro agrônomo e doutor em Genética, João Cruz acredita que o melhoramento genético do gado proporciona o que ele chama de “efeito locomotiva” nos negócios. “Quando um produtor rural introduz um animal geneticamente superior na sua propriedade, ele logicamente redobra os cuidados com a nutrição, o manejo e a sanidade, para que aquele animal expresse seu potencial. Com isso, o programa se torna um agente indutor da transformação do campo, aumentando a produtividade e a lucratividade nas propriedades”, analisa.

CUSTO-BENEFÍCIO

A FIV também altera outros fatores de produção. Com um rebanho geneticamente superior, o criador pode entregar ao mercado a mesma quantidade de carne ou leite com um menor número de bovinos, uma opção que diminui a pressão tanto por mais recursos naturais quanto pela expansão de área, comum à pecuária extensiva. Em outro cenário, o proprietário rural pode elevar a produção com a mesma quantidade de animais, fazendo com que a rentabilidade cresça.

Atento ao contingente de 600 mil micro e pequenos negócios rurais no estado, o Sebrae Minas chegou a subsidiar o custo da fertilização *in vitro* em 80% durante o auge da pandemia de Covid-19. Atualmente, a entidade subvenciona 70% do valor. “A cadeia pecuária funciona em um sistema de pirâmide. Na base está a maioria dos criadores; no topo, quem faz a seleção e o melhoramento genético. O Sebraetec FIV dá chance ao pequeno e médio produtor de sonhar com aquele material genético de quem está no topo, porque o programa é subsidiado”, ressalta João Cruz.

TRANSFORMANDO A PECUÁRIA MINEIRA

2MIL

PRODUTORES RURAIS ALCANÇADOS

REBANHOS CONTEMPLADOS



85% DE GADO LEITEIRO

PERCENTUAL DE SUBSÍDIO

70% sobre o embrião implantado e a inseminação, o que inclui:

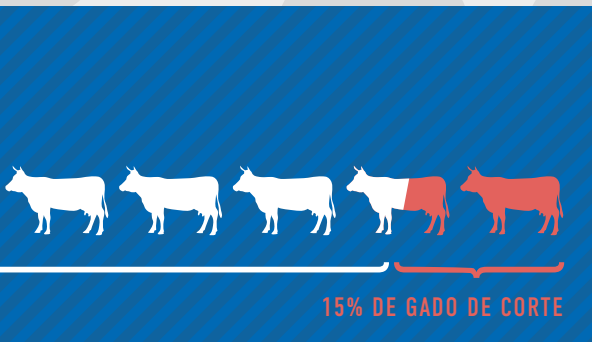
- material genético;
- hormônios;
- sêmens;
- deslocamentos do veterinário;
- diagnósticos de gestação.

EM POUCO MAIS DE DOIS ANOS DE PROGRAMA, O SEBRAETEC FIV ALCANÇA NÚMEROS SUPERLATIVOS



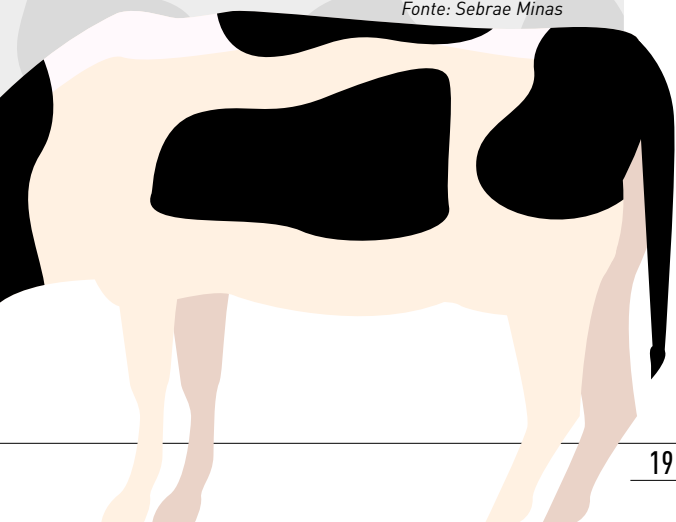
35 MIL EMBRIÕES
TRANSFERIDOS

41% DE TAXA MÉDIA
DE PRENHEZ



+ DE R\$ 20 MILHÕES
DE INVESTIMENTO
TOTAL EM SUBSÍDIOS

Fonte: Sebrae Minas



Só no ano passado, o programa beneficiou 1.150 produtores vinculados às nove regionais do Sebrae no estado, por meio de 18 mil embriões implantados. Além da capilaridade, a iniciativa se destaca pelo bom retorno de fecundidade das matrizes, como são chamadas as receptoras. A taxa de prenhez das vacas atingiu 41%, índice superior à média do mercado, segundo o Conselho Regional de Medicina Veterinária, órgão que avalia o cumprimento dos requisitos pelos mais de 30 laboratórios credenciados ao programa e registrados no Ministério da Agricultura.

A parceria do Sebrae Minas se estende a outras entidades, como Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado Minas Gerais (Emater-MG), cooperativas de crédito e de produção, sindicatos rurais, cooperativas, associações de produtores e criadores de gado e prefeituras. Além disso, para acelerar a prestação de serviço e atender às áreas mais carentes, o Sebrae tem cadastrado novos laboratórios, inclusive fora do estado.

Consolidado no mercado, embora tenha apenas dois anos de atividades em Minas, o Sebraetec FIV segue em evolução. Segundo João Cruz, a iniciativa ainda deve alcançar a genotipagem dos rebanhos. “Geneticamente, é possível produzir um queijo de mais qualidade melhorando os componentes do leite. Há estudos que mostram como a beta-caseína A2A2 – uma proteína predominante nos rebanhos zebuínos – pode contribuir para a melhor digestão de lácteos, enquanto a kappa-caseína e a beta-lactoglobulina têm potencial para elevar o rendimento queijeiro.”



ATITUDE PIONEIRA

Em média, 85 em cada 100 FIVs realizadas no estado são destinadas a rebanhos de gado leiteiro. A primeira ocorreu na fazenda de Willer Martins, que possui uma propriedade de médio porte a 20 quilômetros de Carlos Chagas, no Vale do Mucuri. Ele produz leite na região há mais de duas décadas, mas só alcançou a marca de 2 mil litros por dia há pouco mais de dois anos, quando soube que o Sebraetec FIV atendia pequenos e médios produtores em Minas Gerais.

Desde então, Willer já aderiu ao programa em três ocasiões. Na primeira, seu rebanho atingiu um índice de prenhez de 31%; na segunda, o percentual subiu para 52%. Agora, o criador espera pelos resultados da

terceira fertilização *in vitro*, cujas prenhas devem parir em janeiro de 2023. “Com as bezerras entrando no primeiro cio entre outubro e novembro, teremos um gado melhorado geneticamente, o que elevará a qualidade do leite produzido”, acredita.

O produtor indica que o custo do projeto em comparação aos preços praticados pelo mercado foi um grande atrativo. “Se você procurar outras iniciativas, vai gastar quase R\$ 1 mil por embrião sexado. Pelo Sebraetec FIV, esse valor cai bastante. Dessa forma, o pequeno ou médio produtor consegue ter um rebanho de qualidade, produzir um leite com mais valor e gerar renda”, avalia Willer.

SUCESSO REPRODUTIVO

Há 25 anos, o ginecologista e obstetra José Avilmar Lino da Silva concilia a carreira de médico com a rotina de produtor rural em Martinho Campos, a 197 quilômetros da capital mineira. Ciente dos benefícios da re-

Fertilização *in vitro* melhora a qualidade genética do rebanho





O produtor José Avilmar Lino cruza vacas Gir com touros da raça holandesa via FIV

produção assistida para o melhoramento genético do rebanho, o criador investe na fertilização *in vitro* desde 2000, cruzando vacas Gir leiteiro com touros da raça holandesa.

Há dois anos, ele aderiu ao Sebraetec FIV. Além da redução de custo no processo, José Avilmar descobriu a possibilidade de utilizar todas as matrizes da fazenda como receptoras. “Antes, só usávamos as novilhas que nunca haviam emprenhado, produzindo 90 embriões por ano. Com o Sebrae, tivemos 197 prenhez, 183 de fêmeas”, enumera.

Dessa forma, José Avilmar pôde disponibilizar parte das novilhas para o mercado, aumentando a renda da fazenda. Esse recurso ajuda na manutenção das despesas e retorna na forma de novos investimentos em FIV. Ele prevê que, a partir de 2023, a produção de leite praticamente dobrará – chegando a 4 mil litros por dia – e que mais 150 fêmeas serão disponibilizadas.

EM MÉDIA, 85 EM CADA 100 FIVS REALIZADAS EM MINAS SÃO DESTINADAS A REBANHO DE GADO LEITEIRO

INCREMENTO DE RENDA

A melhoria de produtividade do gado leiteiro atraiu os olhares dos irmãos Eduardo, Francisco, Marilza e Marina Ferreira, de Morro da Garça, na região Centro-Oeste de Minas. Há duas décadas atuando como criadores, eles não só realizam a FIV, como participam do Educampo Leite – consultoria gerencial do Sebrae Minas que gera, organiza e disponibiliza dados reais para que produtores tomem as melhores decisões na sua propriedade.

Realizados com o Sebraetec FIV, os irmãos se gabam de uma de suas novilhas ter dado 22 litros de leite em um dia, graças ao apoio recebido por meio do programa. “É uma

potência de gado, registrado e melhorado geneticamente. Antes, tivemos outras experiências com FIV, que deram uma taxa de prenhez de 20%. Com o Sebrae, já chegamos a 55% de gestações em um dos três processos que fizemos”, conta Francisco Ferreira.

Com a produção adquirida pela Nestlé, graças à parceria com o Educampo, os produtores já se preparam para dar um salto: após ajustes no fornecimento de água e suplementos aos animais e a ajuda da FIV, eles esperam que o volume de leite ordenhado atinja 2 mil litros por dia. “Com mais novilhas a caminho, o faturamento da fazenda deve crescer de 30% a 40%. São cem vezes mais do que há 20 anos, quando começamos”, compara Francisco.

UM RESULTADO E TANTO

Após a aposentadoria, em 1998, Geraldo Magela Alves Camilo passou a dedicar-se à pecuária de leite e de corte na sua propriedade em Presidente Juscelino, na região Centro-Oeste do estado. Nas consultorias do Educampo, ele conheceu o Sebratec FIV e decidiu participar.

Geraldo tem cerca de 80 vacas leiteiras e, em 2021, fez a FIV em dez delas. E o resultado superou, e muito, as expectativas: 80% de prenhez. “As bezerras nasceram em março e

são muito boas mesmo. Ficamos felizes, deu mais do que certo”, comemora. E o pequeno produtor quer ir além: já iniciou os protocolos de uma nova fertilização *in vitro* com outro grupo de vacas. “A gente não pode ficar parado, tem a tecnologia disponível, com um preço que é possível pagar. Assim o rebanho evolui, fica melhor”, diz.

As histórias refletem o cuidado do Sebrae Minas com cada etapa do processo de FIV. “Nosso papel não termina com o embrião implantado. O veterinário ainda retorna, confirma a prenhez e faz uma ultrassonografia para dizer se é macho ou fêmea. Além disso, ao entrar na nossa rede, o criador acessa informações e aprende mais sobre gestão, avançando em outras frentes relevantes”, assegura João Cruz.

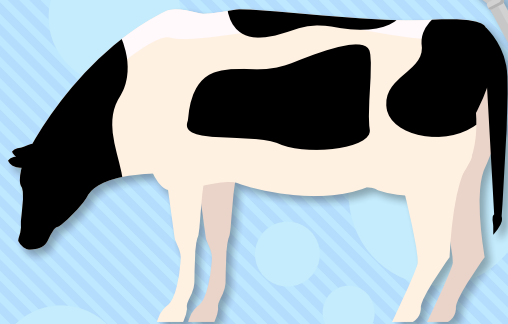
Geraldo obteve um grande sucesso com a FIV: 80% de taxa de prenhez



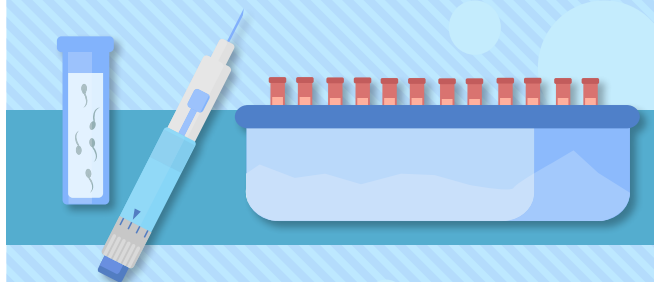


COMO A FIV É REALIZADA

1 O veterinário aspira o óocito primário – o óvulo antes da fecundação – de uma vaca doadora.



2 O material é enviado para laboratório.



3 O laboratório “matura” o óocito primário para que se transforme em óvulo.

4 O óvulo é fecundado e gera um embrião.



5 O embrião é implantado em uma vaca.

RESTAURAR PARA COLHER

Metodologia utilizada pelo Sebrae Minas contribui para a recuperação de bacias hidrográficas, dando esperança aos irrigantes

LUCAS ALVARENGA

Pedro Vilela



José Humberto chegou a perder 15 mil sacas de feijão na crise hídrica de 2017

O termo “paracatu” em tupi-guarani significa “rio bom”, e o batismo de um dos afluentes do Rio São Francisco com esse nome expressa a gratidão dos moradores do principal município do Noroeste de Minas pela água que garante a fertilidade de centenas de lavouras. O rio abastece a cidade homônima, ajudando a manter

não só o consumo humano de água, como também a maior área irrigada do país, produtora sobretudo de grãos. Localizada bem próximo à divisa com Goiás, a cidade possui 72.726 hectares aspergidos com pivôs centrais, contribuindo para a realização de duas ou mais safras. Mas nem sempre foi assim.

Em 2017, Paracatu vivenciou um dos maiores períodos de estiagem da história. Durante 14 dias, alguns bairros foram privados de água para o consumo diário. Felizmente, o cenário mudou, como conta o produtor rural José Donizete Pinton. “No ano passado, não faltou água para o consumo nem para a produção. Nós, produtores, conseguimos irrigar na hora certa, usando na medida em que tínhamos direito”, afirma. Para ele, conciliar a gestão dos recursos hídricos com o dia a dia dos usuários contribuiu para o melhor uso da água na região.

O agricultor refere-se a uma das ferramentas do Programa Restaurar, iniciativa do Sebrae Minas e da qual ele foi um dos beneficiados. O estudo mensura a disponibilidade hídrica das bacias hidrográficas para irrigação nas lavouras, contribuindo para o aumento de produtividade rural sem conflitos por água. Também busca analisar as fragilidades e potencialidades do território, visando a uma melhor utilização dos recursos naturais para potencializar economicamente a região. Uma das ferramentas utilizadas é o Zoneamento Ambiental e Produtivo (ZAP), metodologia elaborada pelas secretarias estaduais de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa) e de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) e que vem sendo utilizada pelo Sebrae Minas para a avaliação de sub-bacias hidrográficas.

As informações do ZAP ajudam a compor um planejamento estratégico do território, levando o desenvolvimento sustentável para a pauta das lideranças locais e estimulando a implantação de projetos que alavanquem a região. “O objetivo do pro-



EM MÉDIA, UM ESTUDO DE ZAP CUSTA ENTRE R\$ 150 MIL A R\$ 350 MIL. OS RECURSOS ADVÊM DO ESFORÇO FINANCEIRO DO SEBRAE MINAS E DOS PRODUTORES

grama é recuperar as áreas degradadas, principalmente pelo mau uso, e conservar o capital natural, reduzindo conflitos, incrementando a economia e contribuindo para o atendimento aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), dentre eles o mais importante: propiciar a redução da fome”, explica a analista do Sebrae Minas Fabiana Vilela. O Restaurar, assim, apoia o poder público na integração dos espaços rurais junto aos planos diretores municipais, promovendo uma visão ampla sobre o desenvolvimento, a preservação e o uso e ocupação desses espaços.

PRIMEIROS RESULTADOS

O cenário de disputa por água se repetia na sub-bacia do Ribeirão Santa Isabel, onde José Donizete, produtor de grãos como soja, milho, sorgo e feijão, manteve seus pivôs desligados durante a seca que assolou Paracatu há cinco anos. Agora,

PODCAST

OUÇA A ENTREVISTA DA ANALISTA DO SEBRAE MINAS FABIANA VILELA SOBRE O PROGRAMA RESTAURAR



com os resultados iniciais do Restaurar, ele também já colhe os primeiros benefícios da iniciativa. “Tivemos um incremento de 15% na produção no ano passado, depois da construção das barraginhas apontadas pelo ZAP e da melhora das chuvas. Além disso, dá para perceber o ribeirão com mais volume e sem a sujeira de antes”, relata.

Com base no diagnóstico da sub-bacia do Santa Isabel foram construídas 810 barraginhas para a captação da água da chuva e 100 quilômetros de curvas de nível para drenagem e infiltração da água – todas as ações orientadas pela Associação dos Produtores Rurais e Irrigantes do Noroeste de Minas Gerais (Irriganor). Os recursos foram obtidos junto à Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa). A Prefeitura de Paracatu apoiou a iniciativa, por meio das secretarias municipais de Agricultura e Meio Ambiente.

Membro da Associação dos Irrigantes do Santa Isabel, o produtor José Humberto Santiago Vilela produz abóbora e grãos. Ele se recorda do dia em que os irrigantes procuraram o Sebrae Minas para ajudá-los a minimizar a escassez hídrica. “A proposta dos técnicos do Sebrae foi a realização de um estudo para detectar os gargalos da região do Santa Isabel. Com o diagnóstico em mãos, eles apontaram a estocagem de água como solução. Em 2017, como não tinha água nem para o abastecimento da cidade, deixei de irrigar mil hectares, um prejuízo de 15 mil sacas de feijão.”

De acordo com o ZAP, serão necessários quatro barramentos na região do San-

ta Isabel. A primeira estrutura já está em construção, com recursos da Fundação Peixe Vivo e o apoio da prefeitura e dos produtores. Até o momento, foram realizadas ações de delimitação e desapropriação da área que será inundada. As obras para a construção de 90 quilômetros de estradas ecológicas também foram iniciadas. Com recursos de R\$ 5,4 milhões, a medida – financiada pelo Comitê da Bacia Hidrográfica (CBH) do Rio São Francisco – promoverá a reservação de água e contribuirá para evitar o assoreamento do rio.

GOVERNANÇA FORTALECIDA

O gerente da Regional Noroeste e Alto Paranaíba do Sebrae Minas, Marcos Geraldo Alves da Silva, acredita que o Restaurar tem sido fundamental para estabelecer a governança na região. “A demanda por mudanças na relação com a água surgiu dos produtores. A Irriganor

Após ações do Restaurar, José Donizete teve incremento de 15% na produção de grãos

Pedro Vilela





Construção de barraginhas é uma das ações propostas pelo Restaurar e realizadas na sub-bacia do Santa Isabel

foi parceira estratégica para mobilizar a população, escalar o ZAP e apontar as soluções hídricas. Os irrigantes entenderam que não se gerencia o que não se mede. Então, em posse dos estudos, eles se organizam e correm atrás dos investimentos”, ressalta.

Em média, um estudo de ZAP custa entre R\$ 150 mil e R\$ 350 mil. Os recursos advêm do esforço financeiro do Sebrae Minas e dos produtores. Até o início do ano, seis projetos foram finalizados nas regiões Noroeste e Alto Paranaíba, com 1 milhão de hectares atendidos e quase R\$ 1 milhão investidos em diagnóstico hídrico. “Esse diálogo com o Sebrae, a Faemg e o governo de Minas tem se mostrado necessário para desenvolvermos a governança entre os irrigantes e evidenciarmos que a água é um bem comum”, alerta a presidente da Irriganor, Rowena Petroll.



SAIBA MAIS

MUNICÍPIOS E ASSOCIAÇÕES INTERESSADAS EM CONHECER O RESTAURAR DEVEM FAZER CONTATO COM O SEBRAE MINAS POR MEIO DOS PONTOS DE ATENDIMENTO OU POR OUTROS CANAIS DE CONTATO

TECNOLOGIA COMO ALIADA

O ZAP ganhou novos contornos com o uso da telemetria na sub-bacia do Ribeirão Entre-Ribeiros, em Paracatu. A tecnologia funciona com base em um equipamento instalado no hidrômetro e que detecta a retirada de água do rio tão logo a bomba de captação do pivô central é ligada. Com isso, pretende-se que os conflitos nos condomínios de quase 16,8 mil hectares – 7.420 deles irrigados – cessem de vez. O próximo passo da ação envolve o desenvolvimento de um software de monitoramento para a captação de água, a ser instalado em uma sala de situação, que servirá de modelo para implementação da telemetria em todo o estado.

RECUPERANDO BACIAS POR MINAS

CONHEÇA OUTROS ESTUDOS REALIZADOS POR
MEIO DO PROGRAMA RESTAURAR NO ESTADO

2018

BONFINÓPOLIS DE MINAS

Os conflitos sobre o uso da água entre moradores urbanos e rurais – já sem perspectivas – motivaram o prefeito da cidade do Noroeste de Minas a procurar o Sebrae. Surgiu o primeiro ZAP, que uniu o Estado e várias entidades. Com o estudo do Ribeirão da Almas, a prefeitura conseguiu recursos junto aos comitês de bacia para recuperar os cursos d'água.

2020

BOM DESPACHO

Transformado em projeto executivo pela prefeitura, o ZAP evidenciou que o Ribeirão do Picão, no Centro-Oeste de Minas, não terá sequer condições de abastecer os moradores em 15 anos. A Copasa e as lideranças locais optaram por fazer um estudo de derivação da água do Rio São Francisco, permitindo que a região cultive grãos para alimentar a produção animal existente e garantir o abastecimento urbano.

2022

PRESIDENTE OLEGÁRIO

O diagnóstico de ZAP da sub-bacia do Rio da Prata, em Presidente Olegário, uma das mais importantes regiões agrícolas do estado, foi apresentado em abril. O estudo vai apoiar o planejamento e a implantação de projetos para impulsionar o desenvolvimento sustentável do território, visando à restauração e à conservação dos recursos naturais, bem como à redução de conflitos na região.

2022

PEÇANHA

O projeto da sub-bacia do Suaçuí-Pequeno, em Peçanha, ressaltou o que muitos já sabiam: o Rio Doce possui a região mais degradada do estado. O Sebrae Minas não só promoveu o ZAP, como tem redobrado os esforços para atender e capacitar o produtor rural de forma que ele volte a se capitalizar, produzindo com sustentabilidade, e ajude a regenerar a Mata Atlântica.

DE OLHO NA AGENDA ESG

Entenda o que significa essa sigla e por que ela é importante para negócios de todos os portes

CRISTINA MOTA



Ao lado do termo “sustentabilidade”, a sigla ESG (em inglês, *Environmental, Social and Governance*, ou Ambiental, Social e Governança, em português) tem ganhado cada vez mais espaço em todos os setores. Especialistas destacam a necessidade de as empresas

de todos os portes adotarem estratégias e modelos de negócios alinhados às melhores práticas de ESG como uma maneira de se diferenciar e, especialmente, de criar as bases para seu crescimento e perpetuidade. E isso também se aplica ao agronegócio.

PARA EXPLICAR A IMPORTÂNCIA DA AGENDA ESG E, ESPECIALMENTE, O SEU IMPACTO, A REVISTA HISTÓRIAS DE SUCESSO CONVERSOU COM CAMILA VALVERDE, DIRETORA DE IMPACTO DO PACTO GLOBAL DA ONU NO BRASIL. CONFIRA.

Como surgiu o termo ESG e por que essa abordagem vem ganhando espaço no Brasil e no mundo?

A sigla ESG vem do inglês *Environmental, Social and Governance* e se refere aos princípios de responsabilidade ambiental, social e de governança corporativa das empresas. Surgiu em 2004, quando o então secretário-geral da ONU, Kofi Annan, envolveu mais de 50 CEOs, de grandes instituições financeiras, no desafio de integrar esses princípios à avaliação de empresas no mercado de capitais. Por essa razão, é uma iniciativa que tem sido muito valorizada pelo mercado financeiro. Mas, na essência, são os mesmos princípios da sustentabilidade empresarial.

A integração da sustentabilidade, ou do ESG, à estratégia dos negócios é essencial para a sobrevivência das empresas e compromisso fundamental com o futuro assumido junto a investidores, integrantes, fornecedores, clientes, comunidades de influência e demais partes interessadas no negócio.

Em uma economia cada vez menos centrada nos *shareholders* e mais focada nos *stakeholders*, separar os valores de uma empresa de seu valor no mercado tem se mostrado impraticável. Os consumidores e profissionais têm buscado, cada vez mais, consumir e atuar em empresas que tenham maior responsabilidade social, ambiental e de governança, e os investidores estão cada vez mais interessados em empresas que tenham os valores ESG integrados em suas estratégias.

A utilização crescente de critérios ambientais, sociais e de governança na avaliação das empresas pelos investidores

valoriza e reconhece as marcas que se comprometem efetivamente com esses princípios e, também, têm o objetivo de reduzir riscos nos investimentos. Por essa razão, estão ganhando cada vez mais espaço nos negócios.

Adotar estratégias alinhadas às práticas de ESG custa caro? É acessível a negócios de menor porte?

A adoção dos princípios de ESG na estratégia das empresas significa assumir, de forma proativa, as responsabilidades sobre os potenciais impactos ambientais, sociais e de governança corporativa das atividades. Existem vários benefícios e potenciais ganhos financeiros nesse posicionamento, tais como mitigação de riscos; redução de desperdícios e de custos; melhoria de desempenho; aumento da confiança dos investidores; fortalecimento da imagem positiva da empresa; entre outras. Os investimentos, assim como os potenciais benefícios, são proporcionais ao porte das empresas.



**A INTEGRAÇÃO DA
SUSTENTABILIDADE, OU DO
ESG, À ESTRATÉGIA DOS
NEGÓCIOS É ESSENCIAL
PARA A SOBREVIVÊNCIA
DAS EMPRESAS**



De que forma essa estratégia contribui para melhorar os impactos das empresas?

Ao internalizar os princípios de ESG/sustentabilidade na estratégia, todas as atividades da empresa devem ser avaliadas em relação aos seus potenciais riscos e impactos, seja do ponto de vista ambiental ou social. Dessa forma, devem ser definidos planos de prevenção, mitigação ou tratamento desses impactos, o que resulta em proteção ao meio ambiente, valorização e respeito às pessoas e à biodiversidade, combate às desigualdades e transparência na gestão do negócio.

Como tem sido a adesão por empresas brasileiras? Os pequenos negócios têm participação efetiva?

A adesão aos princípios da sustentabilidade tem sido crescente em todo o mundo. No Brasil não é diferente, as empresas brasileiras aceleraram suas práticas sustentáveis em um movimento sem volta. Segundo estudo feito pela Morningstar a pedido da Capital Reset, no Brasil, fundos ESG captaram R\$ 2,5 bilhões em 2020, sendo que mais da metade da captação veio de fundos criados 12 meses antes. Sabemos que investidores, cada vez mais, preocupam-se em direcionar seus investimentos a companhias com práticas ESG, mas não só. Consumidores, e não apenas os mais jovens, também revelam uma forte tendência em investir, consumir ou até mesmo trabalhar em empresas sustentáveis. É a busca pelo propósito, um olhar mais humano e consciente. Todas as partes interessadas estão mais atentas e exigentes em relação a uma maior performance socioambiental e de governança e, ainda, atrelada



Camila Valverde é diretora de Impacto do Pacto Global da ONU no Brasil

PODCAST

OUÇA A ENTREVISTA COM CAMILA VALVERDE NA REVISTA DIGITAL. APONTE A CÂMERA DO CELULAR PARA O QR CODE AO LADO E ACESSE



a melhores resultados financeiros. Os pequenos negócios têm sido envolvidos também, por meio da cadeia de valor de médias e grandes empresas.

De que maneira os micro e pequenos negócios podem inserir os princípios ESG em suas operações?

As micro e pequenas empresas podem inserir os princípios ESG nas suas práticas do dia a dia por meio da ênfase na proteção do meio ambiente, da preservação da biodiversidade local, da reciclagem de resíduos, da eficiência no uso da água, da regularização da situação do uso das terras, bem como no respeito aos direitos humanos, na não exploração da mão de obra e do trabalho infantil e na valorização da diversidade.



SABEMOS QUE INVESTIDORES, CADA VEZ MAIS, PREOCUPAM-SE EM DIRECIONAR SEUS INVESTIMENTOS A COMPANHIAS COM PRÁTICAS ESG



Além disso, ter transparência e uma boa gestão dos aspectos gerais de administração do negócio, sem corrupção, é uma ótima referência para todos os portes de negócio. Buscar parcerias, nesse caminho, também é recomendado, por meio da própria cadeia de valor ou de organizações do terceiro setor.

Como o Pacto Global tem atuado para a inserção dos princípios ESG no agronegócio?

Todas as empresas que fazem parte do Pacto Global da ONU no Brasil têm acesso a programas de capacitação sobre ESG. E a Plataforma de Ação pelo Agro Sustentável tem como grande objetivo apoiar as empresas do setor de alimentos e agricultura na sua jornada por práticas agrícolas sustentáveis. O agronegócio é responsável por 25% do PIB brasileiro, e este é o potencial de influência que essa plataforma tem.

O foco de atuação são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 2 – Fome Zero e Agricultura Sustentável, 12 – Produção e Consumo Sustentáveis e 13 – Combater as Alterações Climáticas, e há também os Princípios Empresariais de Alimentos e Agricultura, um manual que orienta as empresas na implantação de práticas agrícolas sustentáveis nas respectivas cadeias de valor. A plataforma tem mais de 90 empresas participantes e atua por meio de iniciativas, capacitação, troca de experiência e melhores práticas, projetos e pesquisas de interesse comum entre as empresas e procura atuar em parcerias. Em dezembro de 2022, a iniciativa Entre Solos foi implantada: trata-se de um site interativo, com as respectivas redes sociais, que funciona como canal de diálogo sobre sustentabilidade no setor,

aproximando o campo das cidades. As informações, notícias e entrevistas são lastreadas por credibilidade, conhecimento científico e tendências no setor. Outros projetos em andamento são: Finanças Sustentáveis; Lab de Inovação; A Água e o Agro; Sustentabilidade na Cadeia de Valor do Agro.

Como tem sido a adesão pelas empresas do agronegócio?

Conforme o Relatório A Evolução do ESG no Brasil, desenvolvido pelo Pacto Global em parceria com a Stilingue, dos cinco segmentos aprofundados no relatório, o Agronegócio foi o setor com mais familiaridade com a sigla ESG: 87% dos participantes afirmaram já ter ouvido falar sobre o assunto em 2020. Para o segmento, o estímulo diário a aplicar ações que gerem impactos mais positivos na esfera ambiental é mais forte, com sete pontos percentuais acima dos demais fatores.

Já para 6% dos respondentes, gerar impactos positivos para o meio ambiente é hábito pouco estimulado diariamente, e esse número duplica quando falamos em impactos sociais e de governança (12% cada um).

Refletindo esse cenário, do ponto de vista ambiental, as ações mais aplicadas por essas empresas foram reciclagem e reaproveitamento de resíduos (22%), proteção e cuidado com o solo (19%) e diminuição de emissão de gases do efeito estufa (17%). Já quando se discutem ações de impacto social, o apoio emergencial à Covid-19 foi o mais mencionado (23%), seguido por políticas de equidade de gênero e apoio às comunidades do entorno, com 19% cada um. Semelhante aos demais setores, para

OS PEQUENOS PRODUTORES TÊM O DESAFIO DE BUSCAR SUA INSERÇÃO NESTE PROCESSO DE MANEIRA PROATIVA, VIA PARCERIAS E INFORMAÇÃO

profissionais do agronegócio, a criação de mecanismos internos de compliance (40%) é a ação com impactos positivos mais claros no âmbito da governança dessas empresas.

Quais os desafios dos pequenos produtores nesse cenário? Como eles podem efetivamente inserir as práticas na sua rotina?

Os pequenos produtores têm o desafio de buscar sua inserção nesse processo de maneira proativa, via parcerias e informação. Fazer o que é o certo é um bom caminho. Também é responsabilidade das empresas maiores liderar o envolvimento dos pequenos produtores da sua cadeia de valor nesse processo. Iniciativas como a do Pacto Global fomentam esse tipo de compromisso, visando não deixar ninguém para trás.

AGRONEGÓCIO

EM 2021, A PWC PUBLICOU O ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AGENDA ESG NO AGRONEGÓCIO. ACESSE O QR CODE PARA CONHECER O MATERIAL



SABER TRANSMITIDO DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

Marca território valoriza a arte do Vale do Jequitinhonha e confere visibilidade às artesãs locais

—
FERNANDA PEREIRA

Pedro Viela

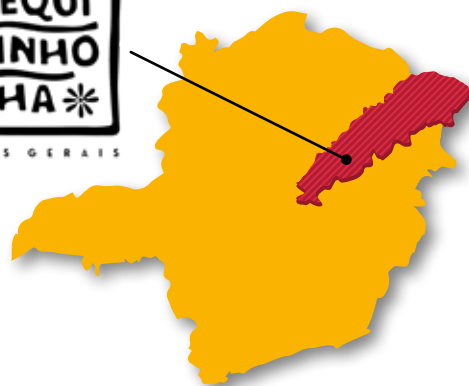


Anísia Lima começou a moldar peças de barro aos oito anos e agora comanda a produção do ateliê, onde também trabalham o marido, a filha e o genro

Uma das grandes referências culturais de Minas Gerais, o artesanato em barro do Vale do Jequitinhonha tem sido transmitido de geração em geração. Moldadas por mãos habilidosas, as peças traduzem cenas do cotidiano, vivências, sentimentos, crenças e saberes populares da região. Além de preservarem a identidade cultural do território, geram renda não apenas para os artesãos, que são 99% mulheres, mas para empreendedores que atuam em outras atividades, relacionadas ou não ao artesanato.

O trabalho realizado pelas artesãs ganhou um importante reforço em 2021, quando foi criada a primeira marca território voltada para o artesanato no estado: a Vale do Jequitinhonha. Desenvolvida pelo Conselho das Artesãs do Vale do Jequitinhonha, em parceria com o Sebrae Minas, a iniciativa contribui para divulgar a origem do produto, dar notoriedade à região e estimular a atividade como fonte de renda, aumentando assim sua valorização no mercado.

O Sebrae Minas apoia um grupo de cerca de 120 artesãs das comunidades de Coqueiro Campo e Campo Alegre (distritos de Turmalina), Cachoeira do Fanado (distrito de Minas Novas) e Santana do Araçuaí (distrito de Ponto dos Volantes). As primeiras ações foram direcionadas ao fortalecimento da governança, com a formação do Conselho das Artesãs do Vale do Jequitinhonha. Em paralelo, foram realizadas atividades de capacitação em design e melhoria de processos, além de iniciativas para ampliar o acesso a mercados consumidores, por meio da participação em feiras e eventos nacionais do setor. “Nosso objetivo é incentivar as artesãs a explorar todo o seu potencial, para fortalecer a sua identidade”, afirma o analista do Sebrae Minas Julian Silva.



Segundo ele, as estratégias para a geração de valor embasadas na origem partem da percepção de que os consumidores estão cada vez mais atentos à história por trás dos produtos. “Quem compra uma peça de cerâmica leva em conta não só a qualidade e a beleza, mas a tradição que ela carrega, que também contribui para valorizá-la. Ao evidenciarmos a história da comunidade que a originou e do seu processo produtivo, agregamos valor ao que é produzido”, diz.

O analista lembra que foi desafiador realizar o trabalho durante a pandemia, principalmente pela impossibilidade de a equipe atender às artesãs pessoalmente. “Em contrapartida, atuamos em um momento muito oportuno, em que as pessoas se voltaram mais para o cuidado com a casa, a decoração, e passaram a consumir mais objetos de arte e artesanato”, afirma.

Para Amanda Guimarães, analista do Sebrae Minas, os bons resultados da iniciativa já podem ser sentidos e vão além do setor ar-

VEJA MAIS

ASSISTA À VÍDEORREPORTAGEM SOBRE O TRABALHO COM AS ARTESÃS DO VALE DO JEQUITINHONHA NA REVISTA DIGITAL POR MEIO DO QR CODE AO LADO.



Andreia e a mãe, Glória: herdeiras do legado de Dona Izabel (abaixo), uma referência do artesanato do Jequitinhonha



Reprodução: Pedro Vilela



tesanal. “A estratégia de identidade e origem valoriza o artesanato, melhora a qualidade de vida dos artesãos e gera um círculo virtuoso de desenvolvimento, tornando mais dinâmica toda a economia do território”, avalia.

SABER PRESERVADO

A artesã Izabel Mendes, de Santana do Araçuaí, mais conhecida como Dona Izabel, é umas das grandes referências do artesanato do Vale do Jequitinhonha. Falecida em 2014, ela transmitiu a seus sucessores técnicas de moldagem e pintura de bonecas de barro que se tornaram conhecidas em toda a região. Andreia Andrade mantém vivo o saber herdado da avó. Formada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), ela conta que custeou seus estudos e suas despesas em Belo Horizonte exclusivamente com a renda das bonecas. E que enfrentou desafios para expor e comercializar seu trabalho. “Com o apoio do Sebrae Minas, parti-



O trabalho com o artesanato melhorou a vida de Alice Ribeiro, permitindo inclusive a sua volta aos estudos

“Fizemos de várias palestras e conseguimos divulgar melhor nosso trabalho nas mídias digitais. Tudo feito de uma forma muito respeitosa, preservando a originalidade da nossa arte”, diz Andreia, que faz parte da Associação dos Artesãos de Santana do Araçuaí.

A capacitação, a propósito, é um dos pontos fortes do projeto da marca território. “É essencial auxiliar as pessoas a encarar o mercado sem a dependência de atravessadores para o escoamento da produção”, pondera Julian Silva. Atendimento ao cliente, marketing digital, gestão, precificação e vendas, entre outros, foram alguns dos temas trabalhados pelo Sebrae Minas com os artesãos.

CONTINUIDADE

Assim como Andreia, Alice Ribeiro integra a Associação dos Artesãos de Santana do Araçuaí. O contato com o barro começou na infância, no sítio da família, quando a mãe trans-

formava a matéria-prima em peças utilitárias. Em 2002, ela perdeu o emprego e encontrou no artesanato uma alternativa de renda. Para isso, contou com a ajuda e os ensinamentos da irmã, Ana, outra aprendiz de Dona Izabel. “Era muito difícil moldar um rosto, só consegui fazer uma boneca depois de muitos meses, mas fui pegando gosto”, conta.



É ESSENCIAL AUXILIAR AS PESSOAS A ENCARAR O MERCADO SEM A DEPENDÊNCIA DE ATRAVESSADORES PARA O ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO

JULIAN SILVA
ANALISTA DO SEBRAE MINAS





Terezinha Gomes Barbosa conseguiu participar de eventos com o apoio do Sebrae Minas

Um dos filhos de Alice, Augusto, com apenas quatro anos à época, a acompanhava nas aulas e lá teve contato com as primeiras lições. “Ele trocou os brinquedos pelo barro e, assim, aprendeu junto comigo. Hoje, aos 23 anos, ele estuda Artes Plásticas em Belo Horizonte e se mantém com a venda das peças que produz, usando o barro daqui”, afirma a artesã. A própria Alice mudou de vida com o artesanato: voltou a estudar, se formou em História e passou a lecionar em meio período. No tempo restante continua se dedicando às cerâmicas. “Produzir a minha arte é o que me dá mais prazer, e muito do que conquistei eu devo ao barro.” Com orgulho, ela vê os outros filhos, Pedro e Mariana, seguindo o seu caminho e o do irmão.

Como tesoureira da Associação, a artesã tem a oportunidade de acompanhar mais de perto o trabalho de valorização desenvolvido pelo Sebrae Minas. “Tínhamos dificuldade até para calcular o preço de uma peça, e o Sebrae nos auxiliou a valorizar nosso trabalho. Temos evoluído muito na parte de divulgação e marketing. Hoje, quem compra nosso artesanato leva junto a nossa história”, diz.

MAIS VISIBILIDADE

Além da parceria para o desenvolvimento da marca território, o Sebrae Minas tem atuado em iniciativas de apoio ao acesso a mercados, conferindo visibilidade às artesãs do Vale do Jequitinhonha em grandes eventos do setor. Terezinha Gomes Barbosa é uma

das que se beneficiaram dessas ações, junto com outras colegas da Associação dos Artesãos de Minas Novas.

“Antes não tínhamos condições de ir a feiras, pois a Associação é pequena e não tem recursos suficientes. O Sebrae nos trouxe essa oportunidade, e temos aproveitado para conhecer pessoas e fazer contatos”, relata. O *networking* tem tornado o trabalho de Terezinha cada vez mais conhecido, e ela vem se desdobrando para atender encomendas de várias partes do país. A mais recente veio de um lojista da Região Metropolitana de Belo Horizonte: 80 bonecas, 75 moringas e 200 copos. Há oito anos, Terezinha vive exclusivamente da renda obtida com a cerâmica.

Anísia Lima dos Santos, de Campo Alegre, também comemora os resultados conquistados com o artesanato. Ela começou a moldar peças de barro aos oito anos, vendo a mãe trabalhar. Hoje, aos 51, comanda a produção do ateliê onde também trabalham o marido, a filha e o genro. Eles produzem potes, filtros, bonecas, boleiras, moringas de água e outras peças decorativas e utilitárias. “Com o apoio do Sebrae, tudo mudou. Participamos dos cursos de capacitação e começamos a evoluir. Acredito que a marca território fortalece muito a nossa presença nos eventos, pois confere profissionalismo e dá mais visibilidade ao nosso trabalho”, afirma.

PRÓXIMOS PASSOS

De acordo com Julian Silva, o trabalho ainda está em fase de ativação da marca, ou seja, de promover experiências com os lojistas e com o público consumidor, além de ampliar o reconhecimento do trabalho por meio da interação com os artesãos e seus produtos. “A meta é encantar o mundo com

VOCÊ SABIA?

A CULTURA POPULAR DA ARTE EM BARRO FOI RECONHECIDA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DE MINAS GERAIS PELO INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO (IEPHA-MG) EM 2018.

a cultura e a arte do Jequitinhonha, tornando-as cada dia mais reconhecidas!”, enfatiza.

Ele afirma que entre os próximos passos do plano estratégico está a intensificação das capacitações das artesãs em temas como qualidade, design, mercado e sustentabilidade, além de ações voltadas para o território. Serão envolvidos segmentos complementares ao artesanato, como o turismo, que tem um impacto direto no desenvolvimento da região. “Vamos escrever uma nova história para o artesanato e para as pessoas do Vale do Jequitinhonha”, acredita Julian.



DESAFIO PARA A GERAÇÃO SUPERCONECTADA

Olimpíada Empreendedora ativa projetos e ideias criativas para solucionar problemas reais



FERNANDA PEREIRA

Na era da informação, tudo acontece muito rapidamente. Em sala de aula, o desafio dos educadores não é mais o de lidar com uma geração superconectada, mas prepará-la para usar a tecnologia e a inovação em favor das mudanças que o mundo requer. Para auxiliar nesse desafio, há dois anos, o Sebrae Minas criou a Olimpíada Empreendedora, uma jornada de aprendizagem voltada para educadores de escolas públicas de todo o estado, com o intuito de ativar e incentivar projetos e ideias criativas, capazes de resolver problemas reais do cotidiano escolar.

O programa é realizado por meio de uma plataforma digital, com atividades em duas fases, a Jornada de Aprendizagem e o Desafio. De acordo com a analista do Sebrae Minas Jôana Rafaela, há a proposta de um novo olhar dos participantes sobre as novas tecnologias, linguagens e ferramentas, além do melhor aproveitamento do volume de informações disponíveis. Para o analista do Sebrae Minas Wendell Ferreira, a Olimpíada potencializa os trabalhos realizados por meio do Programa de Educação Empreendedora. “É um momento dedicado à aprendizagem criativa dos professores e alunos e que permite o desenvolvimento de projetos de impacto com grande potencial de transformação. Isso sem falar da oportuni-

dade de desenvolver, nesse público, o comportamento empreendedor para a resolução de problemas”, destaca.

INCENTIVANDO A LEITURA

A segunda edição do programa contou com a participação de 417 educadores na Jornada de Aprendizagem e 118 na etapa do Desafio. Foram 68 equipes inscritas, 30 delas classificadas para a etapa estadual. Dez projetos foram premiados, nove deles oriundos de escolas do Triângulo Mineiro.

A Escola Municipal Professor José Teodoro Borges, de Nova Ponte, ficou em primeiro lugar na categoria Ensino Fundamental I com o projeto Litera Books, que incentiva a leitura entre estudantes dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Inicialmente, um clube de leitura virtual foi criado, abastecido por arquivos PDF de obras de domínio público e compartilhado com os pais das crianças por meio do WhatsApp. Além disso, foram disponibilizados podcasts literários – com contação de uma história ou discussão dos temas dos livros disponibilizados, tornando-os mais interessantes e convidativos. E não ficou por aí: houve a percepção de que era preciso criar algo ainda mais atrativo, surgindo a Geladeira Literária, uma estante que a própria equipe construiu

Equipe da Escola Municipal Santa Maria, de Uberaba ▶



Arquivo pessoal

▲ Equipe da Escola Municipal Professor José Teodoro Borges, de Nova Ponte

usando a carcaça de um antigo eletrodoméstico. “Percebemos que as crianças ficaram realmente interessadas e passaram a procurar mais os livros. Isso foi muito motivador para a equipe”, afirma Mara Rúbia Aparecida da Silva, professora que liderou a equipe.

A aluna Mariana Yachid Cunha Dionísio, de 11 anos, diz que a participação na Olimpíada trouxe benefícios para si própria. “Depois que passei a pesquisar uma forma de incentivar os colegas, eu mesma comecei a ler mais e acho que isso vai ficar para o resto da minha vida”, conta. Familiarizada com a cultura empreendedora em sala de aula, Mariana compartilha a sua percepção sobre o tema. “Acho que as pessoas devem buscar oportunidades para desenvolver projetos que possam mudar a vida delas.”

SOLUÇÃO PARA A FOME

Na categoria Ensino Fundamental II, a Escola Municipal Santa Maria, de Uberaba, ficou em primeiro lugar com o projeto Mãos que Ajudam, ação de cunho social para criar con-

dições seguras de auxílio a pessoas em situação de rua, garantindo aos doadores que os recursos são revertidos para a compra de alimentos e não fomentam vícios. “Uma rede foi criada com pessoas interessadas em ajudar, que passaram a utilizar uma moeda virtual nas doações, em vez de dinheiro. E quem recebe a moeda pode trocá-la por uma refeição equilibrada em restaurantes conveniados”, explica a professora Cláudia Santos Silva Rabelo.

Como educadora que já trabalha os pilares do empreendedorismo em sala de aula há algum tempo, Cláudia considera que a Olimpíada é uma oportunidade excelente. “O projeto abre a mente para um mundo de possibilidades, os alunos se sentem valorizados, e, para nós, é gratificante e motivador.”

O estudante Alexandre Nascimento avalia que os conhecimentos de mercado adquiridos no desafio são muito relevantes. “Aprendi sobre gestão de mercado, como as pessoas se comportam e interagem e como criar estratégias para vender um produto ou ideia a partir disso. Fiquei muito interessado”, afirma.

TRADIÇÕES VALORIZADAS

Sebrae Minas apoia iniciativas de fortalecimento
das origens produtoras do estado

LUCAS ALVARENGA

Pedro Vieira



O queijo da Região da Canastra é feito segundo o modo de produção tradicional de mais de 200 anos

Desde 2010, o Sebrae Minas desenvolve um amplo trabalho de valorização das vocações locais, a partir dos produtos do agronegócio mais reconhecidos. Atualmente, 12 territórios têm a estratégia de Identidade e Origem implantada *(veja quais são no mapa na página ao lado)*, fortalecendo a identidade das origens produtoras e suas características mais marcantes. Como resultado, os consumidores passam a valorizar onde, quem e como foi produzido seu alimento, gerando um círculo virtuoso de de-

envolvimento nos locais de origem. E uma das ferramentas para alcançar esses resultados é a Indicação Geográfica (IG).

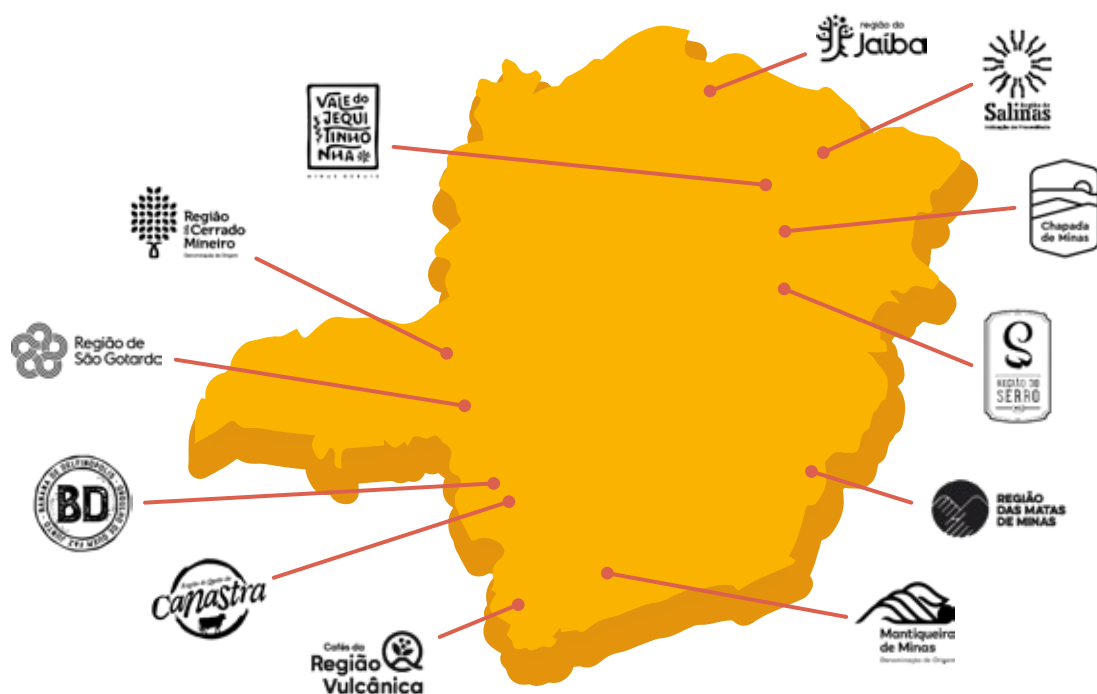
O termo surgiu no início do século XVIII, com o intuito de reconhecer regiões famosas pela vitivinicultura, como Alto do Douro, em Portugal, e Chianti, na Itália. No Brasil, a estratégia foi adotada em 1996, com a promulgação da Lei de Propriedade Industrial (Lei 9.279) e a concessão de um reconhecimento pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi),

que atesta o fato de uma região ser notória ou apresentar vínculos relativos às características e à qualidade de um produto ou serviço.

A IG é um instrumento oficial de proteção da origem do produto. É um direito coletivo e exclusivo, ou seja, somente produtores ou prestadores do serviço estabelecidos em uma área delimitada podem usá-la. É classificada em duas modalidades: Indicação de Procedência (IP) e Denominação de Origem (DO). A primeira é baseada na reputação do território na oferta do produto, vinculando o produto a determinado lugar. “Somente podemos chamar de Canastra o queijo feito na área delimitada da Região do Queijo da Canastra e que obedece ao modo de produção estabelecido”, esclarece a gerente da Unidade de Agronegócio do Sebrae Minas, Priscilla Lins. A segunda refere-se à proteção da origem do produto baseada na influência que o

ambiente exerce sobre ele. Considera o vínculo do produto com as condições ambientais do território, como solo, água, clima e relevo. “É o que os franceses chamam de *terroir* e se aplica aos cafés da região do Cerrado Mineiro, por exemplo.” Priscilla ressalta que ambas cumprem a mesma função: proteger o nome geográfico reconhecido e garantir a origem e a tipicidade ou qualidade de um produto ou serviço.

Hoje, em Minas Gerais, são 14 regiões com Indicação Geográfica, sendo dez com Indicação de Procedência. Destas, quatro contam também com Denominação de Origem. “O estado tem uma grande diversidade de produtos, regiões, saberes e fazeres, e, não por acaso, o Sebrae segue apoiando territórios que apresentam um forte vínculo com seus produtos, buscando o seu desenvolvimento”, pontua Priscilla.



SEBRAE LANÇA ISDEL 2.0

Novo índice permite análise mais abrangente sobre fatores determinantes para o desenvolvimento econômico sustentável dos municípios brasileiros

LUCAS ALVARENGA

Em maio, foi lançada a versão 2.0 do Índice Sebrae de Desenvolvimento Econômico Local (ISDEL). A nova ferramenta permite uma avaliação ainda mais abrangente dos diversos fatores que determinam o progresso dos municípios brasileiros, englobando 106 variáveis disponibilizadas por fontes oficiais, agrupadas em 39 indicadores.

“O ISDEL visa contribuir com o desenho e a avaliação de políticas e esforços para a promoção do desenvolvimento econômico local”, afirma a economista Bárbara Castro, analista do Sebrae Minas. Criado em 2018, ele foi reformulado em parceria com o Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar/UFMG) e passou a ter

uma correlação ainda melhor com índices de desenvolvimento de referência nacional e internacional, como o PIB e o IDH. As variáveis estão também associadas às cinco dimensões trabalhadas pelo Sebrae em seu modelo de intervenção nos municípios, conhecido como Abordagem DEL – Desenvolvimento Econômico Local. São elas: Capital Empreendedor, Tecido Empresarial, Governança para o Desenvolvimento, Organização Produtiva e Inserção Competitiva.

RESULTADOS

O ISDEL 2.0 posiciona os territórios em uma **escala que varia de 0 a 1**. Quanto mais próximo de 1, maior o nível de desenvolvimento econômico da localidade. A escala de desenvolvimento econômico é distribuída em cinco classificações (veja na imagem). Mais da metade dos municípios mineiros e pouco mais de 40% dos brasileiros têm um ISDEL Médio. Os que alcançam um índice Alto e Muito Alto são minoria, tanto em Minas Gerais quanto no Brasil: cerca de 20%.



abaixo de 0,150: ISDEL Muito Baixo
entre 0,151 e 0,310: ISDEL Baixo
entre 0,311 e 0,470: ISDEL Médio
entre 0,471 e 0,630: ISDEL Alto
Igual ou superior a 0,631: ISDEL Muito Alto

CONFIRA
TODOS OS DADOS
E SAIBA MAIS
ACESSANDO O
QR CODE AO LADO



XI PRÊMIO SEBRAE PREFEITO EMPREENDEDOR

O XI Prêmio Sebrae Prefeito Empreendedor bateu recorde de inscrições na sua edição nacional: 1.615 projetos habilitados de 1.327 municípios distintos das 27 unidades da federação. Em termos regionais, o destaque para o número de projetos inscritos é do Sudeste, 51. Minas Gerais foi o segundo estado com maior participação, 176.



Premiação dos oito vencedores da etapa Regional

Na etapa regional, Minas recebeu a inscrição de 209 projetos, de 153 municípios. Os oito vencedores foram: Divinópolis, Conselheiro Pena; Cataguases; Chapada Gaúcha; Guimarães; Uberaba; Paracatu e Couto de Magalhães de Minas.

ESCOLA DO SEBRAE TEM NOVOS CURSOS E MARCA

PARA SABER
MAIS SOBRE
OS NOVOS
CURSOS,
ACESSE O QR
CODE AO LADO



A Escola do Sebrae teve novidades no início de 2022: além do lançamento da nova marca, a instituição entrou para o mercado do Ensino Superior, com dois cursos de pós-graduação: Educação Empreendedora 5.0 e Empreendedorismo de Alto Impacto e Inovação. Passou, também, a ofertar o curso técnico em Administração noturno.

A Escola do Sebrae está presente no mercado há 28 anos e sempre atenta às novas demandas. “Hoje, há busca de profissionais com iniciativa, proatividade, habilidades de liderança e capacidade de ino-

var. Nossos cursos visam estimular esse novo *mindset*”, pontua a gerente da Unidade de Educação e Empreendedorismo do Sebrae Minas, Fabiana Pinho.



CAFÉ DA CHAPADA DE MINAS É EXPORTADO PELA PRIMEIRA VEZ PARA A AUSTRÁLIA

Um contêiner com 640 sacas de 30 quilos de café especial foi enviado pela Região da Chapada de Minas para a Austrália, no primeiro semestre. O resultado é fruto do trabalho realizado em parceria com o Sebrae Minas para melhorar o posicionamento do setor no mercado interno e externo. Avaliada em R\$ 400 mil, a carga foi produzida nas cidades de Capelinha, José Gonçalves de Minas e Água Boa.

A Região da Chapada de Minas é formada por 22 municípios dos Vales Alto Jequitinhonha, Mucuri e Rio Doce. Possui uma área de produção de aproximadamente 28 mil hectares. A estratégia “Café da Região da Chapada de Minas” foi lançada em 2020,

contribuindo para agregar valor e reforçar a identidade e a origem da região.

“Após a criação da marca coletiva, o produto foi reconhecido no mercado e teve uma valorização de quase 15% do preço do café”, explica o presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae Minas, Roberto Simões.

O próximo passo dos produtores para a expansão dos negócios é a busca pela origem controlada, garantindo ao mercado que o café foi produzido na região com característica específica e, por isso, não pode ser encontrado em nenhum outro lugar, sendo um produto único.



Arquivo Sebrae Minas

Contêiner com 640 sacas foi exportado

CARACTERÍSTICAS DOS CAFÉS DA REGIÃO DA CHAPADA DE MINAS:

COR: caramelo

SABOR: frutas passa

CORPO: denso

ACIDEZ: cítrica e capim limão

ORIGEM[®] MINAS

Se você é
mineiro, já sabe
que expressamos
nosso jeito de
ser em tudo
que fazemos!



Na fala, nas quitandas, nos doces, queijos, cafés, artesanato... E se não é mineiro, reconhece facilmente os produtos de Minas Gerais! Isso acontece porque Minas é exemplo na preservação de suas origens, valores e costumes.

Inspirados pela mineiridade, o Sebrae e o Sistema Faemg criaram o Origem Minas, um projeto que conecta produtores, artesãos e consumidores oferecendo produtos que proporcionam experiências que expressam o jeito mineiro de ser.

Acesse: sebrae.mg | 0800 570 0800

Iniciativa:



Essencial hoje.
Fundamental
no futuro.



Educampo

educampo.com.br
[@sebraeminas.educampo](https://twitter.com/sebraeminas.educampo)

